

PENSANDO SOBRE A PESQUISA NA FORMAÇÃO DO FUTURO OFICIAL DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Profa Dra Eliana Prado Carlino
Academia da Força Aérea (AFA)

Resumo

Este artigo tem a intenção de problematizar a atividade de pesquisa realizada pelos cadetes durante seu processo de formação como oficiais militares da Força Aérea Brasileira. As atividades de pesquisa, chamadas monografias, na Academia da Força Aérea (AFA) têm sofrido, ao longo do tempo, um processo de transformação, tanto em sua formalística quanto em suas intenções acadêmicas. No decorrer dessas mudanças, vimos acompanhando, principalmente nos últimos anos, um pouco das dificuldades vivenciadas pelos alunos na elaboração desses trabalhos, o que contribuiu para que se tenha pensado até mesmo em sua supressão do currículo do curso. Entretanto, ao levantar as principais dificuldades encontradas, que vão desde questões mais pontuais e técnicas, como delimitação do tema e do problema de pesquisa; metodologia utilizada no trabalho, muitas vezes confundida com as técnicas ou os procedimentos da pesquisa; definição de um referencial teórico articulado à questão que se vai investigar e aos objetivos e procedimentos metodológicos; até questões que dizem respeito à compreensão do papel do orientador no decorrer do trabalho de investigação, tentamos apontar novas perspectivas para esta atividade. Desse modo, muitas modificações vêm ocorrendo em relação à atividade de pesquisa no nosso contexto do ensino superior militar, entretanto, o fato de não haver na AFA uma cultura institucional que dê maior destaque à produção científica, particularmente, dificulta a compreensão do corpo discente sobre a importância e a necessidade de elaboração de um trabalho com caráter científico durante o seu curso. Assim, este trabalho procura apontar algumas perspectivas no que se refere ao processo de produção de conhecimentos na AFA, a fim de que todos os esforços subjacentes à atividade de pesquisa sejam valorizados independente das perspectivas teóricas, metodológicas ou epistemológicas assumidas.

Palavras-chave: monografia; pesquisa; formação militar.

Contextualizando o trabalho de pesquisa na academia da força aérea

Os trabalhos de monografia, ou, como são mais conhecidos no meio acadêmico, trabalhos de conclusão de curso (TCC), fazem parte da cultura das instituições de ensino de nível superior, entretanto, na Academia da Força Aérea (AFA), possuem um enfoque distinto.

A AFA é uma organização militar cujo objetivo é formar os futuros oficiais da Força Aérea, nas especialidades de aviação, intendência e infantaria. Entretanto, mesmo tendo uma particularidade que a diferencia de outras instituições de ensino superior, nesta Academia a monografia é um dos requisitos para a conclusão do curso de Formação de Oficiais da Aeronáutica, que tem duração de quatro anos.

As dificuldades enfrentadas com a realização desse trabalho e o fato de a atividade de pesquisa não fazer parte da cultura organizacional colocam a necessidade de algumas reflexões, a fim de que possamos, ao problematizar essa questão, também aprimorar tal atividade, pois a consideramos essencial à formação dos nossos alunos – cadetes.

Durante muito tempo, a condução desse trabalho esteve sob a responsabilidade da disciplina e dos professores de Língua Portuguesa, que cuidavam de sua realização e coordenavam a apresentação dos trabalhos numa banca, quando passavam por avaliação. Nessa instância, não havia uma grande preocupação com aspectos teórico-metodológicos dos trabalhos monográficos, descaracterizando-os como trabalhos de pesquisa no sentido mais acadêmico e científico.

A partir de 2004, com a implantação de um Curso de Administração no âmbito da formação dos futuros oficiais, as monografias passaram por um redimensionamento e foram atreladas ao estágio, exigindo desses trabalhos uma melhor articulação teórico-metodológica e melhor nível de argumentação.

O estágio oferece aos cadetes do terceiro ano a possibilidade de fazerem um reconhecimento da sua própria organização militar, de acordo com as especificidades de sua formação – aviação, intendência e infantaria. Nesse período, visitam as diferentes seções de trabalho no interior da própria Academia, com a supervisão de um professor e/ou de militares.

No momento inicial da implantação da atividade de estágio, os cadetes visitavam todas as seções de trabalho e, num segundo momento, optavam por uma determinada seção para um período de imersão nela. Ocorria que o critério para escolha de um local para o desenvolvimento do estágio era baseado na classificação do aluno/cadete. Assim, nem sempre a seção na qual o estágio acontecia era uma escolha do aluno.

Desse modo, enquanto vinculados à atividade do estágio, os trabalhos de monografia resultavam da vivência na respectiva seção na qual o estágio era realizado, ocasionando que o surgimento da temática a ser pesquisada não se originava necessariamente em uma questão que efetivamente instigava o cadete na busca por uma resposta – condição essencial para impulsionar um trabalho de investigação.

Oliveira (2008, p.304) afirma que “na relação do ser humano com o mundo, no processo de problematização da sua realidade vivida, na busca de conhecer os fatos, aguçada pela curiosidade, é que a pesquisa se desenvolve [...]”

Com essa nova configuração para o trabalho monográfico, não mais apenas os professores de Língua Portuguesa assumiam a responsabilidade pela orientação e acompanhamento dos trabalhos mas também todo o quadro docente (em suas diferentes áreas de formação), o que, ainda que com limitações, aumentou as possibilidades de ampliação da perspectiva de análise dos temas abordados nos TCCs, considerando que a grande maioria do quadro docente da organização é composta por professores mestres e doutores em diferentes áreas do conhecimento.

Porém, a partir de 2007 houve um novo redimensionamento para o curso de Formação de Oficiais da Força Aérea, e novas alterações ocorreram. Os trabalhos de conclusão de curso passaram a ser orientados por uma Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação, criada, entre outras atribuições, com a função de organizar, coordenar e disponibilizar os trabalhos e produções acadêmicas dos discentes e docentes.

Nesse novo contexto o trabalho monográfico tinha início no terceiro ano do Curso de Formação de Oficiais, sendo finalizado no quarto ano, e contemplava sessenta tempos de duas disciplinas dedicadas a ele - Monografia 1 e Monografia 2. Os sessenta tempos da disciplina são distribuídos em trinta tempos para Monografia 1, durante o 3º ano, e trinta tempos para Monografia 2, no 4º ano.

Até meados de 2009, essas aulas tinham como objetivo esclarecer os cadetes sobre o trabalho de pesquisa a ser feito.

Os alunos também poderiam escolher seus possíveis orientadores por meio de um cadastro do qual constavam todos os professores com suas respectivas áreas de formação, assim como interesses e linhas de pesquisa. Por meio desse novo enfoque, eles passaram a escolher a temática (relacionada à Força Aérea) e seus possíveis orientadores.

As novas mudanças possibilitaram aos cadetes escolherem os temas e áreas de seu interesse para desenvolverem suas pesquisas, que são apresentadas numa Jornada de Monografias a uma banca de professores e/ou oficiais militares.

Até 2010, os trabalhos de monografia não constavam do Plano de Avaliação do curso, importando apenas a entrega do trabalho para a aprovação do aluno. Porém, a partir de 2011 os resultados obtidos no trabalho monográfico compõem o currículo do cadete.

Atualmente, as pesquisas desenvolvidas pelos cadetes podem apresentar e sugerir propostas de melhoria ou aperfeiçoamento de processos, ou ainda problematizar temas e questões relacionados a uma amplitude de temáticas (relacionadas às ciências

aeronáuticas, ciências militares, logística ou administração, além de temas relacionados a questões educacionais, aspectos didático-metodológicos, e outros).

Nesse processo, a Academia da Força Aérea tem se sensibilizado para a importância dos TCCs ou monografias para a formação acadêmica e profissional do futuro oficial militar, inclusive porque o desenvolvimento das habilidades requeridas para a realização da monografia pode reunir qualidades profissionais àquelas já desenvolvidas no processo de formação do cadete.

As dificuldades que se mostram no fazer da pesquisa

Apesar das modificações que vêm ocorrendo em relação à atividade de pesquisa, o fato de não haver na AFA uma cultura institucional que dê maior destaque à produção científica, particularmente, dificulta a compreensão do corpo discente sobre a importância e a necessidade de elaboração de um trabalho com caráter científico durante o seu curso. Por conseguinte, a valorização da busca e da construção de novos conhecimentos torna-se, para a maioria dos alunos, algo irrelevante e, portanto, dispensável.

É uma prática comum e, às vezes, obrigatória nas instituições de ensino superior a realização de trabalhos de pesquisa ou de conclusão de cursos, ou projetos de iniciação científica – seja como exercício preliminar ao desempenho de uma profissão, seja como amadurecimento intelectual, ou ainda, como aprendizado das habilidades requeridas ao trabalho de investigação, o que demanda conhecimento de uma área de atuação. É do contexto de formação e de uma realidade profissional que, geralmente, se abstraem as questões que servirão como tema, problema ou tese do trabalho. Decorre daí que a problematização de um tema só pode ser feita a partir da capacidade de olhar criticamente a realidade e refletir sobre ela.

Ao falar sobre o surgimento de uma questão de pesquisa, Oliveira (2008, p.305) destaca que

Essa questão que se apresenta como problema tem que estar contextualizada em uma realidade social observada pelo pesquisador [...] Assim, o problema tem uma raiz na experiência de vida do pesquisador, estando vinculado ao seu contexto social, cultural, profissional [...]

Dessa forma, a monografia assume, no nosso contexto de ensino militar, uma nova formalística e novos objetivos a partir de 2004, e vem se reconfigurando e se aprimorando desde então.

Essa nova demanda de produção acadêmica trouxe aos nossos orientandos várias dificuldades que passaremos a enumerar: uma delas é a delimitação do tema e do

problema de pesquisa, que se resume em encontrar uma questão incômoda que se queira responder. Tem sido uma tarefa difícil aos alunos a compreensão de que “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para essa atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas” (Chizzotti, 1998, p. 11). Assim, ao olhar em nosso entorno, as questões para as quais buscamos respostas devem ser colocadas como questões para investigação – tarefa apenas aparentemente simples.

Outra dificuldade encontrada refere-se à metodologia utilizada no trabalho, muitas vezes confundida com as técnicas ou os procedimentos da pesquisa. Nem sempre os alunos percebem que “a escolha do tipo de pesquisa e da abordagem a ser adotada tem como indicador o problema a ser pesquisado e requer por parte do pesquisador leitura especializada no campo da epistemologia e da metodologia científica” (Oliveira, 2008, p. 311). Para essa tarefa, são necessárias leituras que viabilizem esse entendimento.

Definir um referencial teórico e articulá-lo à questão que se vai investigar, aos objetivos do trabalho e aos procedimentos metodológicos também parece outro ponto extremamente trabalhoso e de difícil compreensão por parte dos nossos alunos, pois os dados, ao serem analisados, necessitam estar apoiados em determinados teóricos ou teorias, abordagens ou conceitos que se encontram na base do trabalho desenvolvido. Mais uma vez, não se define tal referencial sem um trabalho consistente de leituras e de reflexão.

Há ainda outra problemática que dificulta o encaminhamento do trabalho de forma satisfatória, ou seja, a compreensão, por parte dos alunos, do papel do orientador no acompanhamento da monografia. Ocorre, comumente, que o cadete procura pouco o seu orientador, não havendo um acompanhamento mais sistemático do que se apresenta como uma versão final do trabalho.

É de conhecimento geral que em nível de graduação, diferente do que ocorre nas instâncias da pós, espera-se uma intervenção muito mais aproximada por parte dos orientadores desde o início da confecção do trabalho, até mesmo porque o aluno está sendo iniciado nesse tipo de aprendizagem.

Em nossa experiência, porém, longe de significar autonomia acadêmica dos alunos, a não procura pelo orientador traduz uma não compreensão e não valorização do seu papel na atividade de pesquisa, o que também se torna problemático.

Concordamos com Severino (2000, p.154), ao observar que o processo de orientação

deveria ser um processo que efetivasse uma relação essencialmente educativa. [...] Não se trata de um processo de ensinamento instrucional, de um conjunto de aulas particulares, mas de um diálogo em que as duas partes interagem, respeitando a autonomia e a personalidade de cada uma.

Mais uma vez trazemos Oliveira (2008, p. 310) para destacar que “um projeto de pesquisa [...] é um plano de estratégias metodológicas desenhado, mas que se consolida no fazer da pesquisa”; diríamos, ainda, que muitos aspectos da pesquisa vão se delineando, na medida em que ela acontece. Conseqüentemente, o orientador é um dos principais, senão o principal, interlocutor posto para aquele que se inicia no trabalho de investigação.

Assim, entregar ao orientador a tarefa finalizada é, no mínimo, mostrar certa incapacidade para compreender a relevância de todo esse encaminhamento e sua importância no próprio processo de formação profissional.

Desse modo, as dificuldades vivenciadas na elaboração dos trabalhos de monografias contribuíram para que já se tivesse pensado até mesmo em sua supressão do currículo de formação dos futuros oficiais da Força Aérea. Afinal, quais seriam as contribuições advindas dessa atividade?

Procurando sentido(s) para a atividade de pesquisa na AFA

Alguém que realize um trabalho bem articulado, que atenda aos critérios mínimos de uma produção que se pretenda científica, tem grande probabilidade de encaminhar investigações subsequentes, igualmente bem realizadas, com critérios e com rigor acadêmico.

Ainda que o oficial militar não intencione uma carreira de pesquisador (e nem é essa a intenção), não pode prescindir das aprendizagens subjacentes a um trabalho de pesquisa, entre elas, a capacidade de argumentação, de reflexão, e de aprender a pensar e a organizar seu pensamento – capacidades, entre outras tantas, necessárias ao exercício de suas atribuições. (CARLINO, 2009, p.4,5)

Demo (2008), ao falar sobre a importância da pesquisa no ensino superior, acentua sua capacidade de propiciar um modo de pensar que favorece a intervenção na realidade. Segundo ele, “pode-se notar mais facilmente nos alunos que pesquisam como sua autonomia se desenvolve, à medida que o argumento de autoridade vai cedendo lugar para a autoridade do argumento” (p.94).

A partir de tais considerações, tornam-se menos relevantes, em nosso caso, as orientações a respeito da formalística do trabalho, o que pode ser encontrado em vários

textos (CHIZZOTTI, 1998; SEVERINO, 2000; SILVA, 2004) ou mesmo em manuais que contém, detalhadamente, tais prescrições.

Refletindo sobre as dificuldades vivenciadas durante o acompanhamento dessa atividade e a partir das queixas dos professores/orientadores e dos próprios orientandos, é que pensamos em problematizar essas questões apontando algumas perspectivas para os trabalhos com as monografias na Academia da Força Aérea.

Concordamos com Silva (2004), quando afirma que muitos são os benefícios relacionados à realização dos trabalhos de monografia. Além de oferecer contribuições à ciência e ao próprio ensino, também são beneficiados o aluno, o orientador e a instituição na qual os trabalhos se realizam.

Para o aluno o aprendizado torna-se significativo ao ter que, partindo de um olhar mais atento e criterioso sobre o seu contexto, focar um tema e abordá-lo com certa profundidade. Ao realizar esse exercício, necessita examinar a realidade, abstrair dela questões que o instiguem a pesquisar e buscar respostas, ser coerente em suas argumentações, refletir, enfim, ter uma postura de investigação, o que, sem dúvida, terá repercussões, inclusive, em sua atividade profissional. O ato de aprender a pesquisar pode tornar-se um recurso importante para enriquecer o trabalho do futuro oficial.

Ainda que alguns possam considerar desnecessária a inserção da pesquisa como parte da formação do futuro oficial da Força Aérea, queremos ressaltar uma afirmação feita por Lüdke e André (1986) de que a pesquisa não se constitui atividade realizada em instância “acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano, sofrendo assim as injunções típicas dessas atividades” (p. 2). Para essas pesquisadoras é comum, entre alunos e literatura especializada, uma maneira de entender a pesquisa como sendo reservada a apenas uma categoria de pessoas “eleitas”, e como trabalho realizado em condições isoladas da realidade. Elas ainda destacam que é necessário entender a pesquisa como atividade que demanda habilidades e conhecimentos específicos. Também consideramos que para esta atividade deve haver seriedade e compromisso, e isso apenas reforça a relevância que lhe atribuímos.

Para o orientador, acompanhar esses trabalhos, cujas temáticas são sempre diversas, possibilita a oportunidade de rever sua postura e seus conceitos em relação ao trabalho de pesquisa, estando numa constante capacitação, o que se torna bastante necessário ao considerarmos a provisoriidade de nossos conhecimentos. Aos orientadores, este trabalho também se coloca como desafio, ao menos, àqueles que não

abandonaram a humildade e consideram que ao profissional docente, as possibilidades para a aprendizagem e para um fazer ainda melhor estão sempre abertas¹.

Para a instituição de ensino na qual os trabalhos são produzidos, fica a contribuição acadêmica por meio dos conhecimentos construídos que, ao serem lidos e consultados por outros, podem ser redimensionados, criando novas possibilidades de pesquisa, sendo também indicadores da qualidade do trabalho realizado por seus profissionais, ou nas palavras de Silva (2004), para a instituição, essa contribuição acadêmica reflete “a qualidade dos cursos que lá se desenvolveram” (p.19).

Apesar de possuímos em nossa instituição de ensino algumas especificidades em termos de formação, sabemos que muitas das dificuldades levantadas aqui também são partilhadas por outros profissionais em diferentes cursos de formação.

Oliveira (2008), ao relatar sobre seu trabalho de orientação em cursos de graduação e de pós-graduação, aponta que alguns orientandos, mesmo dispondo de informações sobre questões metodológicas referentes à elaboração de um projeto de pesquisa, “encontram dificuldades no momento de sua execução, para entender a lógica de sua construção e articular os seus elementos estruturais” (p. 301). Também experimentam dificuldades para articular teoria e prática e, ainda, para relacionar a abordagem teórica e os procedimentos metodológicos.

Provavelmente nossos leitores poderão fazer relatos semelhantes em muitos outros contextos. Isso significa que muitas das dificuldades que vivenciamos com nossos alunos fazem parte das inquietações de outros profissionais em diferentes âmbitos de ensino; são, portanto, inquietações compartilhadas, as quais, longe de amenizar nossas questões, colocam outros pontos para reflexão. Sabemos ainda que fazer pesquisa não se restringe a questões pontuais e técnicas, mas requer envolvimento, emoção, desejo e compromisso.

Não se pode negar que muitos dos que desenvolvem suas pesquisas o fazem “como rotina, como carreira, para manter emprego, para contar em avaliações externas (no mais das vezes, estéreis do ponto de vista da ciência propriamente dita)” (GATTI, 2008, p.7). Se a pesquisa se configurar apenas como a execução de algo obrigatório ou

¹ Não há muitos trabalhos voltados à compreensão de como ocorre o processo de aprendizagem que constitui o orientador de pesquisa. Mazzilli (2008), que vem desenvolvendo um estudo na área, afirma que, apesar de haver muitas teorizações no que diz respeito à formação do professor universitário, não existe a mesma ênfase quando se trata da formação profissional dos orientadores de pesquisa. Para ela, as funções de professor, pesquisador e orientador, apesar de possuírem uma mesma natureza têm diferentes especificidades, portanto a função de orientador requer maiores estudos para que seja melhor compreendida.

como requisito para aprovação num curso, terá perdido seu sentido, e pouca diferença fará manter-se ou não num currículo de formação. E aí poderemos perguntar: monografias para quê?

Entretanto, a pesquisa não pode ter um caráter utilitarista; ela deve, sim, visar à construção de um conhecimento que seja proveitoso para o pesquisador e também para a estrutura social; deve ser vista como contribuição à ciência e ao ensino e, porque não dizer, para uma vida mais humana e de maior qualidade.

Para que o trabalho de produção científica seja viável é importante que a instituição valorize esse tipo de prática; a cultura institucional e seus membros precisam dar destaque ao processo de construção de novos conhecimentos; é necessário ter questões que se queiram responder e pesquisar; é necessário compreender a relevância da pesquisa e suas contribuições para a formação profissional. Nesse contexto, torna-se importante dar valor à dúvida; reconhecer que os conhecimentos produzidos são sempre provisórios e requerem constantes redimensionamentos.

Algumas considerações... Mas não finais

No campo da formação de professores e da aprendizagem, sabe-se hoje que os alunos aprendem com seus professores muito mais do que os conteúdos de ensino de uma disciplina em particular, aprendem suas posturas, seu modo de ser e de fazer. Isso sugere que uma postura investigativa e de valorização do trabalho de pesquisa por parte do docente e o reflexo disso em seu modo de ser e de atuar em sala de aula são decisivos para o valor que o aluno atribui a essas atividades. Como e quanto temos, enquanto docentes/orientadores de monografias, valorizado essa tarefa? Essa é uma questão que se coloca de modo imperativo e não podemos minimizá-la.

Isso nos sugere pensar o quanto a nossa cultura institucional tem valorizado e promovido espaços e tempos para o trabalho de investigação, compreendendo que isto requer adequações e, algumas vezes, mudanças de foco.

Ao vislumbrar melhores perspectivas para este trabalho, consideramos a necessidade de promover discussões mais amplas e articuladas nas quais os projetos de pesquisa relacionados às monografias e seu encaminhamento sejam discutidos em diferentes momentos da produção do trabalho, colocando mais interlocutores nessa discussão e não apenas orientador e orientando. No nosso ponto de vista, isso tende a enriquecer a construção do trabalho e a favorecer a percepção de que essa construção é

gradual e requer constantes (re)ajustes. Não se produz pesquisa e nem conhecimento de um dia para o outro.

É necessário fortalecer e institucionalizar um programa de pesquisa, viabilizando a alunos e professores a participação em grupos de pesquisa, nos quais os trabalhos em andamento possam ser discutidos e problematizados, possibilitando o domínio (principalmente àqueles menos experimentados na pesquisa) do processo de fazer pesquisa. E a partir daí, incentivar a produção e a publicação científicas.

Entretanto, faz-se urgente pensar que não apenas no exercício da pesquisa, mas no exercício da própria ação docente, requer-se uma postura crítica que, conforme apontado por Rios (2005), uma atitude humilde, pois reconhece os limites existentes nas situações vividas no cotidiano e, por esta razão, busca o que ainda está por ser conhecido, além de ser também corajosa, porque é uma atitude provocadora e, sendo assim, “sempre tende a enfrentar perigos, ameaças. O olhar crítico desvenda, aponta coisas que podem incomodar, desinstalar, exigir mudanças para as quais muitas vezes não se está preparado (p.50-1).

Também vemos no estágio uma possibilidade para a realização das monografias, pois, a partir das situações vivenciadas e observadas, podem ser produzidas questões que permitam compreender ou, ao menos, problematizar situações observadas. Não vemos de modo desarticulado os conhecimentos trabalhados em sala de aula (nas diferentes áreas do conhecimento), as situações vivenciadas no estágio e o fazer pesquisa (por meio dos trabalhos de monografia). A riqueza está justamente nesse encontro que nem sempre é promovido e percebido.

E mais, entendemos que esse é um trabalho de todos, já que, no ensino superior, potencialmente, todos deveriam estar preparados para o ensino da pesquisa.

Enquanto vimos tentando problematizar um pouco desta questão, imaginamos que cada leitor já deva ter produzido internamente, diante de nossas reflexões, sua própria resposta, uma concordância ou uma objeção, enfim, algum tipo de participação, afinal este é o processo da linguagem. Ao ler um texto, os sentidos produzidos são sempre múltiplos, e múltiplos os efeitos advindos dessa leitura. O difícil é controlar a resultante desse processo.

Não temos para o problema levantado uma solução pronta, mesmo porque esta não é nossa pretensão; entretanto, sabemos que múltiplos fatores produzirão múltiplos sentidos para o que está colocado neste artigo. Esperamos apenas ter contribuído para instigar um pouco mais nossa capacidade de pensar diante das questões postas e que

habitam nosso cotidiano, gerando tantas e tantas vezes, dúvidas, incertezas, inconformidades e insatisfações. Afinal, como afirma Gatti (2008),

com a corrida temporal da produtividade, cria-se um espectro reducionista dos significados dos processos educacionais e culturais, comprometendo também o sentido da atividade científica, reduzindo-a a produtos, no mais das vezes, fragmentários, alijando de sua consubstanciação os processos de pensar – refletir, duvidar, contrapor, reconstruir, construir – numa temporalidade que não é a da fábrica (p. 9).

De quanto e de que tipo de tempo estamos dispostos para realizar as nossas próprias pesquisas ou para orientar as de nossos alunos?

Nossa intenção é a de que deste pensar sobre os trabalhos de monografia possam derivar outros questionamentos que também digam respeito ao nosso cotidiano e ao nosso fazer em sala de aula. Freire (1999, p. 32) conseguiu expressar com muita propriedade a articulação entre a pesquisa e o ensino – difícil pensar e problematizar um aspecto sem fazê-lo com o outro, afinal

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Queremos pensar na pesquisa como possuidora de um caráter científico e educativo. Dessa perspectiva, a sua contribuição deve estar não apenas no campo da metodologia e epistemologia mas também no campo do saber pensar. É pesquisando (entendendo-se neste momento não apenas a pesquisa como trabalho de conclusão de curso ou monográfica) que “o aluno, ao final das contas, aprende a ler, enfrentar teorias e polêmicas, argumentar e contra-argumentar, fundamentar, elaborar texto próprio”. (Demo, 2008, p.94)

E, se em nosso contexto de formação de futuros oficiais militares a questão “monografias para quê?” ainda continuar insistindo, então precisamos começar a nos colocar outras questões, pois esta será absolutamente secundária.

Acreditamos, assim, nas possibilidades para que essa prática vá, progressivamente, fazendo parte do cenário de formação dos cadetes da AFA, e que os temas investigados por eles possam contribuir para levantar e divulgar novas e relevantes questões no cenário da Força Aérea.

Referências bibliográficas

CARLINO, Eliana Prado. A contribuição da atividade de pesquisa para a formação do futuro oficial da Força Aérea. Trabalho apresentado no *I Encontro Pedagógico do*

Ensino Superior Militar (I EPESM), 2009. Resende, RJ. Academia Militar das Agulhas Negras: Resende, RJ, 2009. p. 1-7

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. *Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstitutivos*. Porto alegre: Mediação, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GATTI, Bernadete A. Prefácio. In: BIANCHETTI, Lucídio e MEKSENAS, Paulo (orgs.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAZZILLI, Sueli. Aprendendo e ensinando a ser pesquisador: o papel do orientador. In: *XIV ENDIPE: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas, 2008, Porto Alegre*. CD-ROM, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.1-17.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Projetos de iniciação científica no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio e MEKSENAS, Paulo (orgs.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ana Lúcia Rodrigues da. *Monografia fácil: ferramentas e exercícios*. São Paulo: DVS Editora, 2004.